



*CARTAS POLITICAS*

*POR*

*JOÃO CHAGAS*

*N.º 16*



# CARTA

A

FRADIQUE FILHO, QUE, DE PARIS,

PERGUNTA

QUANDO ACABA ISTO

---

---

*Lisboa, 22 de Março de 1909.*

**T**ERRIVEL compromisso tomei eu comsigo, quando lhe annunciei na minha carta a Ricardo Durrão, que isto acabava em 1909. Agora já sei que o tenho á perna por todo este 1909 e ai de mim se os acontecimentos não me acodem antes do findar do anno! Sou um homem irreparavelmente perdido aos seus olhos, como propheta que quiz ser na minha terra.

---

EDITOR & PROPRIETARIO, JOÃO CHAGAS.—COMPOSTO E IMPRESSO  
NA OFFICINA BAYARD, ARCO DO BANDEIRA, 108. — MCMIX

Ainda vamos em meados de março, ainda faltam uns longos, estirados nove mezes para que v. tenha o direito de me pedir o pagamento d'esta lettra que é a minha prophesia, e já não me larga a porta, a perguntar-me quando acaba isto.

Valha-o Deus, Fradique e como v. é bem um lusitano! Agora todo o seu esforço patriotico consiste em esperar que a minha prophesia se realise. O tenue laço que ainda o liga á patria sou eu, ou antes são as cartas de jogar em que v. suppoz que eu li um dia os destinos patrios. A patria para v. é uma superstição. Se as minhas cartas tiverem fallado certo, a patria existe e é possivel que ainda o vejamos apparecer um dia por ahi, á porta do *Central*, grato a seu pae, a farejar uma sociedade decente, digna das gravatas e dos ditos que v. herdou do velho Fradique. Se as minhas cartas se tiverem enganado, então é porque definitivamente não ha mais patria, mas uma choldra irreparavel, de que v. tirará o sentido, adoptando talvez a nacionalidade do seu nascimento e tornando-se egypcio, porque creio que v. é do Cairo.

V., que nada fez pela patria, quer, exige que eu lh'a restitua, limpa e escarolada, como dizia seu pae, não já n'um anno, mas n'uma semana, n'um mez. Não lhe annunciei ainda por telegramma, que ella aqui está, nova em folha, aguardando a sua volta pelo *Sud-Express* e já v. se impacienta, bombardeia-me com cartas escriptas ás mezas de todos os caffês de Paris, por onde arrasta a sua madracice, saccode-me desesperadamente com a forte manapola que tambem herdou do seu illustre progenitor, descompõe-me no seu portuguez inçado de gallicismos, quasi me trata por intrujão.

Em boa me metti, Fradique! E o peor não é v., que, afinal, anda lá por longe. O peor são os de cá de dentro, que, d'aquí a pouco, quem sabe? se pendurarão ao ferrolho da minha porta, a reclamar desabridamente, como credores ferozes, o cumprimento do meu vaticinio, quasi o da minha promessa.

Os portuguezes são assim, v. é assim! Quando se trata dos seus negocios particulares, cada um se mexe e faz pela vida; quando se trata dos negocios da patria todos em commum delegam nos outros o cuidar d'elles. D'ahi os syndicatos politicos que nos devoram. Os politicos fizeram o que os portuguezes não quizeram fazer—: cuidar da patria, e como cuidaram d'ella v. sabe. Uma sociedade que se desinteressa dos seus assumptos mais graves e os entrega sem fiscalisação a procuradores de officio, é naturalmente, logicamente posta a saque. Foi o que succedeu á nossa.

O que succede agora com as suas novas esperanças não é essencialmente differente. Igualmente ella as entregou a procuradores. Delegou nos primeiros o encargo de a perder; delega nos segundos o encargo de a salvar. Tudo delegações e delegações cegas. N'este ponto de vista, a opinião d'hoje não é sensivelmente differente da opinião d'hontem. E' um systema de renuncias individuaes em favor do poder e da vontade d'alguns.

Eu não tenho poder, nem vontade que se substitua á dos outros, mas cahi na esparrella de anunciar que punha uma confiança especial nos acontecimentos.

Ai de mim! Tornei-me por assim dizer responsavel por elles, e graças á minha loquacidade, graças á

minha desinvoltura não faltarão a esta hora portuguezes, profundamente patriotas, cujo unico esforço em favor da patria consista, como o seu, Fradique, em esperar de calendario em punho, que o anno de 1909 produza os acontecimentos que eu annunciei.

\*

Esta situação pessoal — deixe-me, porem dizer-lhe — não me assusta.

Eu vejo morrer todos os dias estas velhas instituições, cujo fim marquei para este anno de 1909 e cada dia que passa me firmo mais robustamente não já na fé mas na certeza material de que não irão muito longe.

N'este momento, por exemplo, debatem-se ellas no vacuo. Ninguem as persegue, ninguem as accomette, nada parece pol-as em perigo e, todavia, estrebucham.

Repáre. V. persiste em não ler os jornaes da terra. Vou informal-o.

O aspecto geral da sociedade é de calma. O povo faminto do norte deitou fogo ha dias a algumas repartições de fazenda, mas aqui, o que inquieta as instituições não é o campo: é a Cidade. E' principalmente

Lisboa. O campo debella-se, por ora, com um administrador do concelho, um destacamento e uma carrada de pão. A queima das repartições de fazenda não assustou. Foram incendios isolados, sem propagação, que alguns baldes d'agua apagaram. Já não se falla em tal. Ha uma grande miseria, ha fome por essas provincias, mas quando é que a fome chega a chamar-se Revolução? A revolução elabora-se nos cerebros. Os estomagos digerem pedras antes de a fazer.

Por outro lado, os partidos não ameaçam, nem uns, nem outros, note-o bem. O partido republicano nunca foi tão pouco aggressivo. E' aquella cada vez maior familia de que falla o doutor Bernardino Machado, mas não parece pelo momento ser mais nada. Já leva um mez a sessão legislativa e ainda a minoria republicana não levantou na camara o menor incidente. Pode dizer-se mesmo que ainda não abriu bico.

Os conflictos intestinos dos partidos do governo (expressão excellente para difnir uma politica toda do aparelho digestivo), são abafados pelos mesmos que os levantam e logo reconhecem a sua imprudencia. Ha dias defrontaram-se nos pares os dois irmãos desavindos da Regeneração, o Campos Henriques, em quem deve ter ouvido fallar, e o bem conhecido Julio de Vilhena, ainda do tempo de seu pae. As galerias encheram-se á cunha farejando barulho. Não o houve. Tudo se passou pelo melhor. Ha dias tambem, um jornal progressista levantou levemente uma questão que ficára sendo conhecida na gyria d'estas polemicas patrias pelo *caso das unhas aduncas*. Era um caso para *dar*. Não deu. Dir-se-hia que o atabafaram com um cober-

tor. Os mesmos que o trouxeram á luz, se apressaram a recolhê-lo á sombra declarando-o nocivo ao prestígio das instituições.

Ha um accordo evidente para não *irritar as questões*. A questão do empréstimo, a da Caixa Geral dos Depositos fez barulho um dia, mas o ministro da fazenda e um deputado da opposição trocaram duas bolas sem resultado, e foi como se lhe puzessem a virtude. Já lá vão uns poucos de dias e dir-se-hia que a questão do empréstimo, mais a da Caixa Geral dos Depositos foram empurradas para o mais fundo da historia. Creio que já se trata mesmo — de outro empréstimo.

Monarchicos e republicanos encaram-se reciprocamente com reciproco receio. Hoje, como corresse o boato de que a camara municipal de Lisboa ia ser dissolvida, logo o jornal do governo se apressou anciosamente a desmentir, clamando contra os especuladores que «andam a alarmar a opinião». Por sua vez, o partido republicano affirma incessantemente a sua aspiração á ordem. E' mesmo uma cega-réga.

N'uma pálvra, quem observar o paiz *pela rama*, como dizia aquelle immorredouro conselheiro Pacheco, de quem seu pae nos deixou um tão commovido pagnegyrico, não vê n'elle n'este momento preciso em que lhe escrevo, 10 da noite de 21 de março, os signaes exteriores da revolução, ou da guerra civil.



\*

Considere, porem, as instituições e vel-as-ha debaterem-se convulsivamente, como se as cercasse um perigo immediato. A nobreza e o clero andam n'uma dobadoura. A nobreza cerca o rei, como nas ultimas horas de uma batalha perdida. O clero, assanhado, faz sermões, dá murros nos pulpitos, faz pasquins, espirra para todos os lados uma tinta envenenada. Todos cochixam, tramam, conspiram, espreitam, espionam, recebem ordens, dão ordens, partem para aqui, para ali, em expedição, cosem-se com as esquinas, andam de gatas por baixo da terra. Nos olhos de todos lê-se, com a lividez dos momentos supremos em que se joga os proprios destinos, o rancor e o odio. Sinto não ter á mão um numero do *Portugal*, para lhe mandar. E' uma gazeta muito representativa e muito luzitana — uma especie de *Besta Esfolada* ao serviço dos interesses da Igreja e da Dynastia, redigida por polemistas tonsurados que se inspiram nas tradições tremendas do padre José Agostinho de Macedo.

Nobreza e clero procuram afanosamente todas as solidariedades e a todas acceitam. Uma parte da nobreza despreza os politicos. Considera-os e muito justamente

como os causadores da ruina das instituições. Não os recebe; mal lhes estende a mão. Pois chamou-os! O *Portugal* tem a respeito dos politicos a mesma opinião do *Mundo*. Para o *Portugal*, como para o *Mundo*, os politicos são uma cambada. Pois chamou-os!

Conta a Cora Pearl, nas suas memorias (a Cora Pearl já não é do seu tempo, mas seu pae conheceu-a muito bem) que tendo, um dia, 13 pessoas para jantar, resolveu o problema do seu enguiço, abrindo a janella e convidando a subir o primeiro sujeito que passou. Accrescenta Cora Pearl que, por accaso, o sujeito em questão era uma excellente pessoa.

Outro tanto não podem dizer os amigos do throno, que, no seu alarme e na sua pressa, chamam quem passa para o defender, pois o outro dia succedeu cahir-lhes em casa um individuo que v. não conhece mas que é tudo o que póde cahir de mais desagradavel em casa de alguém—um auctor de novellas obscenas, d'aquellas que, quando são pilhadas pela policia, recahem logo sob a alçada do bem conhecido delicto de—*ultrage aos costumes*.

Pois, caro Fradique, este pouco recommendavel personagem perorou uma d'estas noites, n'uma sala cheia de luzes, no meio de pessoas da maior gravidade e de avultado numero de damas, sobre as vantagens da monarchia e os inconvenientes da democracia pura!

Isto lhe dará a v. idéa do enlouquecimento d'estas pobres instituições, e não lhe diz isto, como a todos os espiritos claros, que ellas estão perdidas não hoje, ou amanhã, mas irremediavelmente e para breve prazo?

A monarchia fez uma *Liga*—pense n'isto—a *Liga*

*Monarchica!* E' já a morte. E' já mesmo o exílio. Contra quem faz ella a *Liga*? Contra os republicanos, diz ella; mas já viu v. por accaso, ou já leu que o poder constituido fizesse ligas contra — *um partido*? Eu sublinho de proposito, para que attente bem no caso. A monarchia faz a *Liga*—contra o paiz, e o que é isto senão o fim de tudo? A nossa velha monarchia não confia sequer no exercito. Se confiasse n'elle não se colligava, pois se suppõe (assim deve ser nos regimens populares) que n'elle encontraria a sua força. Que faz afinal?—Debate-se, torno a dizel-o. Debate-se no vazio que se fez em volta d'ella.

\*

V. não comprehende, eu estou a ouvi-lo. Não comprehende a agonia d'este moribundo, que não acaba nunca de morrer e não comprehende o paiz assistindo de braços cruzados a esse 5.º acto representado á sua vista.

No entanto, é simples.

Em primeiro logar, os portuguezes são morosos. Que quer! Somos assim. Nunca temos pressa. Se até a monarchia não tem pressa de morrer!

Depois, está assente que a monarchia de D. Manuel é uma monarchia nova e a uma monarchia nova é preciso conceder pelo menos um anno ou dois de vida.

Já viveu um. Viverá os dois? Continuo a não o acreditar, senão com muitas reservas.

A esperança de uma monarchia nova era um absurdo. O que havia de novo era apenas o rei, novo pela idade que não pela novidade. O mais era tudo velho, até na idade! Imagine simplesmente v.: o arbitro da monarchia nova é o José Luciano, o qual já ha quarenta annos era ministro em Portugal. Ha quarenta annos! Quer dizer este homem que dirigia a sociedade de ha quarenta annos é o que pretende dirigir a sociedade d'hoje. Que idade tem elle? Cem? E' provavel. Não vive: sobrevive. Governa isto de sua casa, de uma cadeira de rodas, com as pernas embrulhadas n'um *couvre-pieds*. E' o grande homem da monarchia nova. A monarchia nova reivindica-o.

Governo de velhos, velha moral. Os mesmos homens, os mesmos partidos, os mesmos costumes. Monarchia nova: velha ficção. Monarchia nova: velha immoralidade.

Sabe v. o que disse ha pouco na camara dos pares esse homem que ha tres mezes ainda era presidente do conselho e que é o Ferreira do Amaral? Disse simplesmente isto: que a monarchia rouba as eleições por Lisboa. Disse isto, assim, por estas palavras: disse que as victorias politicas dos governos portuguezes, na capital do reino, se obteem unicamente á custa de fraudes (*chapelladas*) praticadas nas freguezias suburbanas por agentes eleitoraes.

Aqui tem v. a monarchia nova!

A administração tinha de ser a mesma, visto que

os administradores eram os mesmos. Quando o Franco cahiu, estava assente que os partidos monarchicos devastavam o paiz e eram peiores do que a praga. A idéa mesmo de João Franco—idéa original!—era substituir-se a elles indefinidamente. Estas concepções excessivamente originaes estão naturalmente destinadas a frustrarem-se, e a monarchia nova readquiriu a praga dos partidos de governo da monarchia velha. Veja que seivas para reaccenderem a vida n'um corpo morto!

A velha administração da nova monarchia não fez uma reforma util, não fez um pataco de economias e aggravou todas as despezas e todos os males. Augmentou a lista civil ao rei, empenhou os rendimentos publicos que ainda estavam livres de caução, contrahiu mais empréstimos, deu mais empregos. Quando o actual Campos Henriques, presidente do conselho, se separou do partido regenerador, procurando, por sua vez, organizar partido, os seus correligionarios da vespera accusaram-n'o de fazer leilão de favores no seu ministerio, afim de obter amigos. O ultimo empréstimo deu logar a que, na camara dos deputados, o ministro da fazenda fosse tratado de *burlão* e por quem?— Por um lente da Universidade!

Considerere, Fradique, a monarchia nova.

O rei é novo. Sim, é novo! Mas o que é n'uma monarchia sem monarchicos um rei, mesmo novo? E' elle, por isso, mais rei? Não. E' menos. E' então um privilegio, cujo absurdo salta á vista.

Depois sabe v. o que se diz do novo rei? Diz-se que está nas mãos dos reaccionarios e clericas, que já o manejam, pretendendo reproduzir n'elle um typo de soberano catholico á antiga maneira hespanhola, e

sabe quem o diz? Disse-o ha dias na camara dos pares o Ferreira do Amaral, inflammado de indignação, chamando a attenção do paiz para esse novo perigo nacional e offerecendo-lhe a sua espada para o defender d'elle.

Quer dizer, n'esta nova monarchia nada em rigor é novo, nem mesmo o rei. O rei tem dezenove annos, mas a mentalidade que lhe estão fazendo tem seculos.

\*

Da nova monarchia se pode, portanto, affoutamente dizer que nasceu para morrer.

A situação é improlongavel — para ella e para o paiz. Ella está n'um sobresalto constante, cheia de panico, cheia de medo, fazendo-se guardar pela municipal e pela policia, vendo conspiradores em toda a parte, em toda a parte vendo regicidas. O paiz, por sua vez, não repousa. Póde dizer-se que a vida social está desorganizada e que todas as resoluções individuaes estão suspensas, á espera da grande resolução collectiva. Não se vive para a actividade util, nem para o trabalho fecundo. Passa-se o tempo na rua, á espera do que ha de vir, interrogando quem passa,

lendo jornaes, farejando o ar. O commercio está paralyzado. Não se compra, nem se vende. As fallencias, as lettras protestadas succedem-se. Quem tem de seu aferrolha-o, com medo do dia d'amanhã que póde ser de guerra. Emfim, isto lhe dará idéa do estado social: ha em Portugal quem accumule provisões de bocca, em casa — *para estar prevenido*.

A sociedade está dividida por interesses que tornam impossivel toda a conciliação, e por isso mesmo, está ferozmente dividida, como esteve no tempo de D. Miguel.

Essa divisão irreductivel e feroz annuncia o fim proximo da monarchia. Dentro do mesmo paiz estão em presença uns dos outros, individuos que são verdadeiros inimigos, e a sociedade não póde existir indefinidamente n'este pé de inimizade e animosidade. Quando isto se dá dá-se inevitavelmente e a breve prazo, um conflicto que se chama — Revolução, que se chama — Guerra Civil.

V. está longe, como sempre esteve, d'esta patria que, por um vicio hereditario, só o interessa litterariamente. Quem aqui está, sente-o, — sente-o no ar carregado, como se sente a approximação de uma trovoadã.

A trovoadã vae estalar e não é obra de vidente prever uma trovoadã, quando o ceu escurece e se acastella de nuvens negras.

Sobre os effeitos mortaes d'esse conflicto imminente entre a monarchia de Affonso Henriques e o novo Portugal dos nossos dias, não me restam duvidas. Com guerra, ou sem guerra, através de todas as vicissitudes do conflicto final que não posso prever, a monarchia cahirá para não mais se levantar. Cahe

com desgraça publica, sem gloria e sem honra. Não é um systema politico que cede ás imposições do progresso e dá logar a outro: é um mal que desaparece no meio da alegria do povo, emfim liberto de tyrannias, de oppressões, de vexames, de expoliações, de extorsões, de roubos. Quando ouvir lá fóra a derrocada dos sete seculos de monarchia que fazem a historia d'este paiz, ha-de ouvir tambem o hymno immenso da victoria do povo, celebrando a sua libertação, e garanto-lhe a v. que nunca terá ouvido mais clamorosa *Marseilleza* em toda essa França de Rouget de l'Isle.

Aqui, não é um partido que triumphá: é a nação em peso, e, com sangue, ou sem sangue, ella ha-de triumphar, porque é a nação, isto é o maior numero. Um partido seria talvez vencido. A nação não o será nunca. Uma nação só outra nação a esmaga.

Estes acontecimentos estão muito á mercê do imprevisto, porque não são dirigidos, mas hão de dar-se e hão de conduzir a estes resultados. Marquei-lhes um prazo relativamente curto. O que, porem, lhe posso garantir é que não é o da minha impaciencia, mas o que, a meu ver, supponho ser o da logica dos successos historicos. A minha impaciencia é nenhuma. Eu não aspiro á presidencia da republica, que, de resto, já está dada, e, para comer, cá me vou arranjando com esta velha caneta de vintem, que já agora será o meu bordão, até ao fim da minha vida — *amen!*





Os escriptorios das **CARTAS POLITICAS** mudaram para a rua do Arco do Bandeira, 104-1.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia e onde se recebem as assignaturas e se satisfazem as requisições de exemplares.

---

Estas brochuras publicam-se uma vez por semana — aos sabbados.

Vendem-se em todas as livrarias, tabacarias e kiosques. — O seu preço é de 50 reis.

Assignam-se em series de 6, ou 12 numeros. O preço d'esta assignatura é de 300 e 600 reis, pagos adiantadamente.





